

“Moçambique: uma cultura e literatura por descobrir”

Por Adelino Timóteo

No ano de 1976 ingressei no ensino. Foi a minha mãe a levar-me para a Escola Velha, no Macurungo. E entregou-me à professora Valentina, depois de lhe falar numa voz doce:

“A partir de hoje o menino aqui na escola é teu filho, em casa continuará a ser o meu”.

A professora Valentina foi quem me iniciou pelos territórios do saber, pelos territórios de encantamento. Chamava-se pré-primária ao estudo que fazíamos.

A professora Valentina também tinha recebido muitos outros meninos, de pais que lhe deram o mesmo recado. Naquele edifício de padrecas que outrora fez parte da fundação do bairro, todas as tardes eu lá ia receber lições.

A nossa professora trazia grandes livros ilustrados e punha-se a transmitir-nos as imagens à frente da sala. Lembro-me dela a falar-nos dos nomes das coisas. Do mar. Da casa. Dos aviões. Das plantações, porque nos deleitávamos através daquele manual ilustrado. E aprendíamos a fazer bonecos e plasticina, em aulas práticas, onde deveríamos reproduzir os ensinamentos dados nas aulas, para a consolidação.

Isto me animava bastante. A Escola Velha localizava-se na rua oposta à da nossa casa. E graças ao facto de nela estar matriculado que conheci aquela rua, que começo a descobrir o que ia para além da rua onde morávamos. Então estávamos proibidos de fazer grandes deslocações, devido a nossa condição infantil. Hoje já não se passa o mesmo. Um rapazote na minha idade de outrora conhece a cidade toda e é até um bom cicerone para turistas.

O controlo detido sobre nós, pelos progenitores, levar-nos-ia a errância, e, digamos, desenraizamento. Esta errância e desenraizamento suscitar-nos-ia ao descobrimento. Posso dizer que não fosse o sentido de errância eu não estaria aqui. A errância é fundamental na criação de vínculos, para a descoberta de nós mesmos, da nossa cultura e dos outros.

Será por isso que fiquei maravilhado quando recebi o convite como escritor moçambicano convidado para falar sobre *“Moçambique, uma cultura e literatura para descobrir”*. Porque, ao fim ao cabo, nesse repto de descoberta, Moçambique será por vós descoberto e, também vosotros sereis descobertos por Moçambique.

A relação com a professora Valentina não terminava na escola Velha, pois em casa a minha mãe pedia diariamente que lhe mostrasse o caderno para ver os meus gatafunhos. Também a relação da cultura e literatura entre Moçambique e Galícia não terminará aqui.

Em Moçambique irão perguntar-me como são os galegos, o quê aprendi da vossa cultura e literatura?

Toda a literatura é velha, porque persegue a sua vocação humanitária e do belo. Toda a cultura é velha. Os únicos que serão sempre novos são os que se colocam no contacto com livros e se dispõem para conhecer o desconhecido. No fim de uma aprendizagem, de conhecimento, estaremos mais conformados, mais velhos, ou, se quiserem, interiormente maduros em sabedoria.

Na Escola Velha foi onde dei o meu primeiro contacto com a moçambicanidade, com a cultura e literatura daquele chão, daquela casa pátria, pois se em nossa casa familiar cantávamos canções portuguesas: "ó malhão-malhão, que vida é sua...". Ali ouvi os primeiros sons do que é uma língua nacional: "Kuli Kuli ka ti nova! Kuli kuli ka ti nova..." (De lá, de lá, onde viemos, em tradução literal). Esta situação levar-me-ia a descoberta da minha condição híbrida, miscigenada, pois a cultura moçambicana, um mosaico composto por 42 línguas nacionais ou maternas, é fermento, palco de diferentes tribos, de diferentes identidades raciais e religiões.

A minha condição urbana propiciou que o português seja hoje a minha língua materna. Com uma população estimada em vinte milhões de habitantes, em Moçambique só 39,6% sabe falar português. Apenas 8,8% da população usa o idioma português em casa. De acordo com o último censo, 80,8% da população urbana sabe falar português, mas esta percentagem desce para apenas 36,3% nas áreas rurais. O que significa que enquanto estamos aqui a tratar de lusofonia um grosso número de habitantes certamente nunca ouviu falar de lusofonia.

Também é importante que o saibam, para contextualizar, que 72 por cento de moçambicanos são analfabetos e 54 por cento navega na pobreza absoluta. Este cenário ilucida que a lusofonia é privilégio de muito poucos. À pequena elite urbana, se impõe o exercício quase titânico de esclarecer o vínculo que faz de nós lusófonos, congregados à comunidade de língua portuguesa.

Na falta de recursos e meios, o denominador comum dos moçambicanos, o que une os moçambicanos, se me permitem, ainda não é a língua portuguesa. É a dança, a música, a poesia, o teatro, o seu mosaico cultural potencialmente adstrito à oralidade. Também a pintura empírica encontrada nos umbrais, nas fachadas das palhotas pelo vasto país, expressa a unicidade na diversidade.

Por outras palavras, se é verdade que um número significativo de cidadãos é espectador da lusofonia, já não o é quanto à sua cultura endógena. Tirando os ritos formais, das comunidades e conferências, a cultura e literatura moçambicanas manifestam-se esporadicamente à volta da fogueira, nos ghettos. Nos saraus proverbiais e acústicos

transmitidos pelos mais velhos.

Naquela que foi a Escola Velha uma criança por mais recatada, tímida que fosse, aprendia a dançar 'chibaleza' –dança local. Este tipo de dança corporal ao som do batuque desenvolve-se como um mecanismo inconsciente de aproximação entre a esfera urbana e rural. 'Chibaleza', essa dança em que um menino e uma menina dançam corando-se mutuamente, simulando expressões no rosto e no corpo, como mascarados ou como de espantalhos se tratassem, tem os mesmos contornos no Xigubo, Utse, Mandoa, Tufo, Mapico, dos adultos. Nas cores aguerridas dos vestidos das mulheres macuas, do litoral influenciado pela cultura árabe, nas capulanas das mulheres do interior. Aqui, nesta fruição, inalam-se cheiros, costumes e hábitos, cimentam-se cumplicidades e desenham-se afinidades que culminam com relações de família e casamentos. Os movimentos corporais e mímicos destes homens, mulheres e crianças de Moçambique estão plasmados nas pinturas rupestres pré-coloniais, nos murais e pinturas de artistas sonantes como Shikani, Domingos Santana Afonso, José Pádua, Garizo de Carmo, Dunduro, Malangatana, Betina Lopes, entre outros nomes, cuja ressonância transcendem além fronteiras. Foi na Escola Velha que aprendi a inalar os cheiros à açafraão, cravo e canela da Índia, o ricochete do ritmo do Brasil levado pelos nossos escravos, sons que adormecem na dança do ventre. Há na nossa cultura muita cumplicidade com as cores e movimentos rítmicos, motivo porque em Moçambique só há homens e não há raças humanas, é um laboratório e viveiro onde se podem multiplicar a convivência social e se depura o individualismo, se liquefaz o eu. Eis por isso que nesta comunicação a Escola Velha aparece como uma ponte entre o nós e os outros. Onde se desdobrou o naipe de vozes como as do Romualdo, Fernando Luís, Saíde Ali, Ali Faque, Eyuphuro, Os Gorohanes, Mazembe e Madala.

Mau grado, do que foi a Escola Velha para mim guardo más recordações da professora Valentina só pelo único facto dela ser uma pessoa que nos batia muito, sempre nas palmas das mãos, com vara ou régua. Apanhei muito da professora Valentina, mas nunca queixei a minha mãe que apanhava de outra, porque a minha consciência dizia que ela tinha toda a anuência da minha mãe para fazer de mim a sua carne fresca.

À professora Valentina lembro-me de tê-la visto há poucos anos, já velha, como uma fruta madura, só leal à ramagem do corpo que a suportava. Não imperava o mesmo terror. Mas se me percorreu um sentimento de orgulho por me despertar à aurora, ao espanto, que lhe coube neste primeiro poema de Marcelino Dos Santos, que nos declamou numa das aulas:

"SONHO DE MÃE NEGRA

Mãe negra

Embala o seu filho

E esquece
Que o milho já a terra secou
Que o amendoim ontem acabou.
Ela sonha mundos maravilhosos
Onde o seu filho irá à escola
À escola onde estudam os homens...”

Este poema está inserto na poesia política e de combate em Moçambique, instituída por escritores que militavam na Frelimo. Era o elementar período de nascimento de Moçambique como país, a chegada a Ítaca. **Rui Nogar** e **Orlando Mendes** pontificavam entre os cultores desta poesia, que teve uma fase de vida curta (1975/1982).

Na segunda metade dos anos 80 Moçambique assistiu/testemunhou a recuperação do esteticismo literário padrão, da escola velha universal, ao nível da poesia e da prosa. O que permitiu a reivindicação do espólio e de todo o legado literário anterior à independência nacional.

A professora Fátima Mendonça tratou de reunir a herança literária moçambicana actual em cinco períodos que se conectam entre si.

Do 1º Período, que vai das origens da permanência dos portugueses naquela região indica até 1924, ano que precede o da publicação de *O livro da dor*, de **João Albasini**, sobressai Campos Oliveira (nasceu na Ilha de Moçambique, em 1847; morreu em 1911):

“Poema Pescador

Eu nasci em Moçambique,
de pais humildes provim,
a cor negra que eles tinham
é a cor que tenho em mim:
sou pescador desde a infância,
e no mar sempre vaguei;
a pesca me dá sustento,
nunca outro mister busquei.

[...]

Vou da cabaceira às praias,
atravesso Mussuril,

traje embora o céu d'escuro,
ou todo seja d'anil
de Lumbo visito as águas
e assim vou até Sancul,
chego depois ao mar-alto
sobre o norte ou ruja o sul".

O 2.º Período, de **Prelúdio** vai da publicação de *O livro da dor* até ao fim da II Guerra Mundial, incluindo, além do livro do jornalista João Albasini, os poemas dispersos, nos anos 1930, de Rui de Noronha:

Surge et ambula

Dormes! e o mundo marcha, ó pátria do mistério.
Dormes! e o mundo rola, o mundo vai seguindo...
O progresso caminha ao alto de um hemisfério
E tu dormes no outro o sono teu infindo...
A selva faz de ti sinistro ermitério,
onde sozinha à noite, a fera anda rugindo...
Lança-te o Tempo ao rosto estranho vitupério
E tu, ao Tempo alheia, ó África, dormindo...
Desperta. Já no alto adejam negros corvos
Ansiosos de cair e de beber aos sorvos
Teu sangue ainda quente, em carne de sonâmbula...
Desperta. O teu dormir já foi mais do que terreno...
a voz do Progresso. este outro Nazareno
Que a mão te estende e diz: — África surge et ambula!

O 3.º Período, que vai de 1945/48 a 1963, caracteriza-se pela intensiva **Formação** da literatura moçambicana. Pela primeira vez, uma consciência grupal instala-se no seio dos (candidatos a) escritores, tocados pelo Neo-realismo e, a partir dos primeiros anos de 1950, pela *Négritude*. Noémia de Sousa é desse período o expoente, dada

a sintonia que faz com a Negritude francófona, mas estando a par dos negrismos americanos (*Black Renaissance*, Indigenismo haitiano e Negrismo cubano, entre outros). Outras vozes emblemáticas e pitorescas deste período são **Rui Nogar, Rui Knopfli, Virgílio de Lemos, Rui Guerra, Fonseca Amaral, Orlando Mendes**, entre outros.

O 4.º Período prolonga-se desde 1964 até 1975, ou seja, entre o início da luta armada de libertação nacional e a independência do país (a publicação de livros fundamentais coincide com estas datas políticas). É o período de **Desenvolvimento** da literatura, que se caracteriza pela coexistência de uma intensa actividade cultural e literária no *hinterland*, no *ghetto*, apresentando textos de cariz não explícita e marcadamente político (em que pontificavam intelectuais, escritores e artistas como **Eugénio Lisboa, Rui Knopfli, Luís Bernardo Honwana**.

Escritores há, de origem europeia, que passaram a pertencer a Moçambique e Portugal, devido o carácter violento que o rumo que a pátria ainda nascente haveria de tomar: **Rui Knopfli, Glória de Sant'Anna, Guilherme de Melo, Jorge Viegas, Sebastião Alba, Lourenço de Carvalho, Eduardo Pitta, João Pedro Grabato Dias (ou Mutimati Barnabé João ou António Quadros), Eugénio Lisboa, Ascêncio de Freitas**, etc. Outros, como **Mia Couto, Hellodoro Baptista, Leite de Vasconcelos**, ficarão no Índico, assumindo sem reservas a cidadania moçambicana.

Aqui vai um excerto de um dos mais belíssimos contos da literatura moçambicana, de autoria de Luís Honwana:

"As mãos dos Pretos

Já não sei a que propósito é que isso vinha, mas o Senhor Professor disse um dia que as palmas das mãos dos pretos são mais claras do que o resto do corpo porque ainda há poucos séculos as avós deles andavam com elas apoiadas ao chão, como os bichos do mato, sem as exporem ao sol, que lhes ia escurecendo o resto do corpo. Lembrei-me disso quando o Senhor Padre, depois de dizer na catequese que nós não prestávamos mesmo para nada e que até os prelos eram melhores do que nós, voltou a falar nisso de as mãos deles serem mais claras, dizendo que isso era assim porque eles, às escondidas, andavam sempre de mãos postas, a rezar. Eu achei um piadão tal a essa coisa de as mãos dos pretos serem mais claras que agora é ver-me a não largar seja quem for enquanto não me disser por que é que eles têm as palmas das mãos assim mais claras. A Dona Dorcas, por exemplo, disse-me que Deus fez-lhes as mãos as-sim mais claras para não sujarem a comida que fazem para os seus patrões

ou qualquer outra coisa que lhes mandem fazer e que não deva ficar senão limpa. O Senhor Antunes da Coca-Cola, que só aparece na vila de vez em quando, quando as coca-colas das cantinas já tenham sido todas vendidas, disse que tudo o que me tinham contado era aldrabice. Claro que não sei se realmente era, mas ele garantiu-me que era. Depois de eu lhe dizer que sim, que era aldrabice, ele contou então o que sabia desta coisa das mãos dos pretos. Assim:

"Antigamente, há muitos anos, Deus, Nosso Senhor Jesus Cristo, Virgem Maria, São Pedro, muitos outros santos, todos os anjos que nessa altura estavam no céu e algumas pessoas que tinham morrido e ido para o céu, fizeram uma reunião e resolveram fazer pretos. Sabes como? Pegaram em barro, enfiaram-no em moldes usados e para cozer o barro das criaturas levaram-nas para os fornos celestes; como tinham pressa e não houvesse lugar nenhum, ao pé do brasido, penduraram-nas nas chaminés. Fumo, fumo, «fumo e aí os tens escurinhos como carvões. E tu agora queres saber por que é que as mãos deles ficaram brancas? Pois então se eles tiveram de se agarrar enquanto o barro deles cozia?!"

Depois de contar isto o Senhor Antunes e os outros Senhores que estavam à minha volta desataram a rir, todos satisfeitos. Nesse mesmo dia, o Senhor Frias chamou-me, depois de o Senhor Antunes se ter ido embora, e disse-me que tudo o que eu tinha estado para ali a ouvir de boca aberta era uma grandessíssima peta. Coisa certa e certinha sobre isso das mãos dos pretos era o que ele sabia: que Deus acabava de fazer os homens e mandava-os tomar banho num lago do céu. Depois do banho as pessoas estavam branquinhas. Os pretos, como foram feitos de madrugada e a essa hora a água do lago estivesse muito fria, só tinham molhado as palmas das mãos e as plantas dos pés, antes de se vestirem e virem para o mundo. Mas eu li num livro que por acaso falava nisso que os pretos têm as mãos assim mais claras por viverem encurvados, sempre a apanhar o algodão branco de Virgínia e de mais não sei aonde. Já se vê que a Dona Estefânia não concordou quando eu lhe disse isso. Para ela é só por as mãos deles desbotarem à força de tão lavadas. Bem, eu não sei o que vá pensar disso tudo, mas a verdade é que ainda que calosas e gretadas, as mãos dum preto são sempre mais claras que todo o resto dele. Essa é que é essa! (...)" -in *Nós matámos o Cão-Tinhoso*.

Ao 5.º Período, entre 1975 e 1992, chamaremos de **Consolidação**, por finalmente passar a não haver dúvidas quanto à autonomia e extensão da literatura moçambicana, contra todas as reticências, providas de alguns sectores dos estudos literários, e, diga-se também, contra todas as evidências. Após a independência, durante algum tempo (1975-1982), assistiu-se, sobretudo, à divulgação de textos que tinham ficado nas gavetas ou se encontravam dispersos. A escrita literária moçambicana contemporânea, com remeniscências univerais, é um pouco a sùmula e o dialogismo entre estes cinco períodos e autores como Juan Rulfo, Garcia Marquez, Borges Luís Borges, Alex La Guma Alan Paton, wole Soyinka, etc.

URGÊNCIA

É urgente inventar novos atalhos

acender novos archotes

e descobrir novos horizontes.

É urgente quebrar o silêncio,

abrir fendas ao tempo

e, passo a passo, habitar outras noites

coalhadas de pirilampos.

É urgente içar novos versos,

escalar novas metáforas

recalcadas pela angústia.

É urgente partir sem medo

e sem demora

para onde nascem sonhos,

buscar novas artes de

esculpir a vida."

Armando Artur

Há um erro crasso de omissão, uma certa insistência ou persistência, fora do nosso meio, em Moçambique, de anonimatização de vultos da nossa literatura. É urgente que o mundo lusófono e galego, em particular, se familiarize com estas vozes

susceptíveis de acordar a emoção e maior prazer e deleite com estórias, passadas em Moçambique, e que também, são o reflexo do que acontece noutros horizontes. São escribas que, com a sua forma de escrever e interpretar o imaginário moçambicano, contribuíram na cimentação e a minha aprendizagem cultural e literária: Ungulani Ba Ka Khosa, Heliodoro Baptista, Armando Artur, Eduardo White, Luís Carlos Patraquim, Guita Junior, Filimone Meigos, Aurélio Furdela, Songare Okapi, Andes Chivangue, Suleiman Cassamo, Marcelo Panguana, Paulina Chiziane, Mia Couto, João Paulo Borges Coelho, Didier Malunga, Alex Dau, Humberto Rogério, Nelson Saúte, Calane da Silva, Aldino Muianga, Mbate Pedro. A literatura moçambicana, felizmente, manifesta-se cada vez mais fecunda e pujante, pois o fenómeno editorial tem sabido tomar conta do recado. Por média saem mensalmente dois livros. Associação Movimento Literário Kuphaluxa, tem publicado quizenalmente a Revista Literatas, que preenche o vazio da falta de páginas literárias nos jornais, e não só, desenvolve um vínculo fraterno com as literaturas no concerto da lusofonia e muito mais. Obrigado.